



Fé na ressurreição: um diálogo entre P. Chiziane e J. Sobrino

Matheus da Silva Bernardes*

Resumo

A fé na ressurreição de Jesus de Nazaré é central para o Cristianismo; tão central que Paulo afirma em sua carta aos Coríntios: “E, se Cristo não ressuscitou, vazia é nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Cor 15,14). Contudo, a reflexão acerca da ressurreição não é algo simples: como entender corretamente esse evento (problema hermenêutico), como verificar sua base histórica (problema histórico), como afirmar que a ressurreição de Jesus não se trata simplesmente de um *acontecimento maravilhoso*, mas o evento mais relevante para revelação do Deus de Jesus de Nazaré e de sua própria identidade (problema teológico). Reconhecendo essa tríplice problemática para a teologização da ressurreição de Jesus, J. Sobrino em seu livro “*La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*” se aproxima desse evento central e decisivo para a fé cristã. Contudo, é mister se perguntar pelo significado da ressurreição hoje. P. Chiziane, escritora moçambicana, pontua um grande desafio pelo qual a cultura *bantu* tem passado: a nova colonização “*em nome de Jesus*”. É fato que a aproximação à ressurreição não exige somente *teo-logia*, mas também *teo-práxis*, isto é, a missão. Porém, a missão que vem sendo levada a cabo nos países africanos é expressão fidedigna da fé na ressurreição de Jesus de Nazaré? Essa será a pergunta que indicará a reflexão do trabalho. Mediante o diálogo da poesia de P. Chiziane e a Cristologia de J. Sobrino, pretende-se indicar pistas para a compreensão desse evento único, mas, ao mesmo tempo, caminhos para a *orto-práxis* cristã em um mundo plural.

Palavras-chave: P. Chiziane, J. Sobrino, Ressurreição, Cristologia

Introdução

A escritora moçambicana P. Chiziane, em sua obra “*O canto dos escravizados*” desvela a tragédia atual da cultura *bantu*: a nova colonização à qual os seus são submetidos “*em nome de Jesus*”. O instrumento mais perverso dessa nova colonização é, como aponta a autora, a “*diabolização*” que as igrejas cristãs fazem de alguns elementos culturais, especialmente o curandeirismo e as formas ancestrais de invocar a Deus, o “*grande Curandeiro*”. Ao desmascarar essa colonização “*em nome de Jesus*”, a autora se pergunta seriamente quem é Jesus e quem é Deus, que no lugar de oferecer libertação, oferece uma nova forma de servidão e, porque não, escravidão.

* Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – São Paulo/ SP (2008). Atualmente, aluno do programa de Doutorado da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte/ MG. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



A ressurreição de Jesus Cristo é o evento central da fé cristã, entretanto chama a atenção que não tenha estado na reflexão teológica por quase vinte séculos. Por que isso aconteceu? Possivelmente, a resposta a essa pergunta permita acolher a denúncia de P. Chiziane.

J. Sobrino, em sua obra *“La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas”*, dedica atenção especial à ressurreição de Jesus. Sua singularidade representa um grande desafio para o pensamento: não se trata de um acontecimento histórico, mas de um acontecimento histórico-escatológico; não possui nenhuma referência na experiência humana que permita uma compreensão simples. A ressurreição tampouco pode ser vista como mais um dos tantos *“milagres”* de Jesus, porque não é somente a suspensão das leis da natureza aplicada ao corpo humano de Jesus de Nazaré.

O caminho feito pelo autor espanhol radicado em El Salvador é a via antropológico-hermenêutica: é possível encontrar na estrutura humana traços que permitam compreender a ressurreição de Jesus? O ser humano é um ser de esperança; o pecado e a morte (consequência mais radical do pecado) não podem ter a última palavra. Portanto, a esperança humana permite a aproximação à ressurreição de Jesus que é o acontecimento definitivo que aniquila pecado e morte. Entretanto, o ser humano também é um ser da práxis, isto é, não somente espera a aniquilação do pecado e da morte, mas também se compromete com a superação da injustiça histórica. Esse compromisso real permite a aproximação do acontecimento da ressurreição como libertação das vítimas dessa injustiça.

Feito esse passo, é possível a compreensão *teo-lógica* e *cristo-lógica* definitiva da ressurreição: nesse evento singular Jesus Cristo se revela Filho de Deus e Deus se revela como o Deus da vida que se posiciona contrário à morte do inocente. A novidade da revelação renova o ser humano para que possa compreender sua novidade (círculo hermenêutico da ressurreição).

O diálogo entre a poesia de P. Chiziane e a Cristologia J. Sobrino abre uma nova perspectiva: o anúncio da fé em Jesus Cristo, sobretudo a partir de sua ressurreição, jamais pode gerar servidão; a fé em Jesus Cristo é essencialmente libertadora, portanto, não pode *“diabolizar”* a cultura de um povo. Sem ser ingênua, reconhece, valoriza e potencializa a riqueza dos povos.



A colonização “em nome de Jesus” no livro “O canto dos escravizados”

Em nome de Deus tiraram-me a mãe e me puseram no mar
Em nome de Deus tiraram-me o amor e deram-me a dor
Em nome de Jesus Cristo amarraram-me com estas correntes
Em nome da salvação conheci os caminhos da perdição (CHIZIANE, 2018, p. 88)

P. Chiziane se define a si mesma como religiosa, porém sem religião – referência direta à não afiliação institucional. Encontrou na literatura um caminho para poder expressar seus anseios profundos, não somente os religiosos, mas também os humanos. Possivelmente, o que mais chama a atenção é seu anseio – para que não dizer seu grito – de liberdade do continente africano.

Uma de suas grandes motivações para escrever é o que ela mesma chama de “*salvação do continente africano*”. Do que querem salvar África? Do que querem libertá-la? África, por acaso, é apenas uma mancha negra que Deus colocou no mapa-múndi, um engano do Criador? Afinal de contas, quem criou África: Deus ou o diabo? (*Idem, in Religião, ética e política* 2018, p. 81).

Todas essas perguntas, como mostra a autora, sugerem que o continente africano, mesmo tendo a escravidão sido abolida há anos, ainda sofre a opressão de povos estrangeiros. O que anteriormente se dava mediante a opressão racial, na atualidade acontece mediante a opressão política, econômica e, por mais incrível que pareça, religiosa.

A opressão religiosa não é uma novidade para os africanos, especialmente para aqueles que eram arrancados de suas terras e levados como mão de obra escrava e se viam obrigados a abraçar a fé de seus dominadores. O que a autora questiona é se esse processo era verdadeiro e profundo; ela é convicta de que os mitos e ritos africanos sempre foram um centro de resistência para os escravizados. A verdadeira conversão nunca aconteceu (*Ibidem*, p. 82).

Entretanto, o que parecia ser passado distante nas terras dos opressores, tem se tornado realidade em terras africanas:

Outros prosélitos trazem consigo as filosofias da inquisição
Chamam de diabo a quem não conseguem submeter
E ainda queimam as bruxas nas modernas fogueiras santas
Roubam os pães dos pobres para as suas mesas já fartas de iguarias (*Idem*, 2018, p. 102)

Missionários cristãos desembarcam constantemente em países africanos e se consideram “*donos de Deus, donos da fé e tratam a Bíblia e Jesus Cristo como propriedade*”



privada” (*Idem, in Religião, ética e política* 2018, p. 83). O novo colonialismo adquire sua vertente religiosa que mais que libertar, oprime novamente o povo e as culturas africanas.

O principal instrumento de opressão que os missionários cristãos têm usado é a *diabolização* dos cultos ancestrais africanos e do curandeirismo. Mas Deus não pode ser contemplado como o “*Curandeiro maior*”? (*Ibidem, p. 88*) Há quem diga que crê em Deus, mas não crê em espíritos; entretanto, não é Deus espírito (cf. Jo 4,24)?

É fato, porém, que nos momentos de maiores apuros os nativos africanos escapam para a casa de um curandeiro; pela manhã, frequentam as igrejas cristãs que instauraram uma espécie de nova inquisição contra as tradições culturais e religiosas africanas, mas, à noite e às escondidas, retornam às suas origens. O que poderia parecer somente uma insubmissão ao “*branqueamento religioso*”, no fundo se transforma em perda da identidade pela ambiguidade das práticas, o que dá mais poder ainda aos opressores. É urgente que África não se esqueça, nem abandone suas raízes! (*Ibidem, p. 84-85*)

Impuseram outros profetas e novas filosofias celestes
Diabolizados, os búzios deixaram de dizer as verdades divinas
Satanizadas, até as ervas das florestas deixaram de dar saúde
Mas os negros resistiram e alcançaram Deus nas suas culturas (*Idem, 2018, p. 160*)

Segundo a autora, deve-se tomar cuidado com uma fronteira imposta de fora: a fronteira entre as tradições africanas e o Cristianismo. Trata-se somente de uma fronteira religiosa? Não seria novamente o mesmo jogo de poder que arrancou homens e mulheres de suas terras e culturas e os lançou no mar impondo a lei da sobrevivência sob o regime da escravatura? Ao afirmar que as tradições africanas são do diabo, os missionários cristãos não estão repetindo o mesmo esquema da supremacia de uns sobre outros que perdurou por séculos em África?

Sua obra é uma reivindicação que exige um diálogo maior entre as igrejas cristãs e as tradições africanas; ainda há um caminho a ser trilhado, que pode se revelar muito fecundo. O que autoriza somente os eleitos de denominações cristãs a interpretar a Bíblia? As igrejas no lugar de anunciar a fé, dominam e manipulam indiscriminadamente os povos africanos; a autora pretende mediante seus livros denunciar os abusos de poder político, financeiro e cultural que vem sendo levados a cabo (*Idem, in Religião, ética e política* 2018, p. 89-90).

Há um profeta que foi preso e morto como um bandido
Passados séculos aos gritos o ressuscitam
Para resolver problema de toda gente
Fazem negócios chorudos com a sua imagem
Erguem palácios, geram dinheiro, usam o manto real



Com fanfarra e tapete vermelho

Os prosélitos ambulantes impõem o Deus da sua imaginação
Esquecendo que Ele tem mil formas
Esquecendo que Ele fala todas as línguas
E é autor de todos os seres (*Idem*, 2018, p. 101)

Teologizando a ressurreição de Jesus de Nazaré

O mandato missionário do Ressuscitado (cf. Mt 28,18-20) se tornou a linha mestra de toda prática de seus discípulos e essa, provavelmente, tenha sido a marca mais marcante do Cristianismo: uma fé, por essência, missionária. Portanto, se pode afirmar que a partir da experiência com o Ressuscitado a fé se orientou mais por uma práxis que por uma doutrina.

Contudo, como é possível verificar na denúncia presente nos versos de P. Chiziane, a missão muitas vezes tem sido levada a cabo mais como uma hetero-práxis, que uma *orto-práxis*. Afinal, é difícil – para não dizer impossível – afirmar que o Ressuscitado tenha enviado os seus para levar um anúncio de opressão. A razão, como tratar-se-á de provar, está no fato de que o Ressuscitado é o Crucificado, aquele que vive para sempre morreu em uma cruz (cf. Ap 1,18).

Sua condenação à morte se deu pelo fato de anunciar um Deus libertador, de ter transmitido aos seus sua íntima experiência de um Deus que é amor puro, gratuidade pura (SOBRINO, 1996, p. 308-309). Entretanto, ele também faz a experiência de um Deus que, mesmo se revelando como amor e ternura, bondade e misericórdia, um Deus a quem ele pode chamar de *abbá*, permanece sendo um mistério no sentido mais estrito (*Ibidem*, p. 279-284); não é um Deus manipulável. Esse é o Deus anunciado por Jesus de Nazaré e sua fidelidade a ele o levou a uma morte violenta.

Aquele que foi crucificado e morto, porém, foi ressuscitado. Logo, seria um inverossímil pensar que, depois da ressurreição, outra imagem de Deus emergisse, seria improvável pensar que o Deus libertador da vida de Jesus de Nazaré se converta em um “*deus opressor*” depois de sua ressurreição. Entretanto, por que ainda subsiste tal hetero-práxis realizada por supostos discípulos do Ressuscitado? Trata-se somente de um erro ético (prático)? Não se trata de um grave erro *teo-lógico*? Até não seria um erro mais *teo-legal*?

O estudo da ressurreição de Jesus de Nazaré, tal como o apresenta J. Sobrino, representante da Teologia da Libertação latino-americana, elucidará as questões levantadas.

Problema hermenêutico



A ressurreição de Jesus de Nazaré é um evento sem precedentes: trata-se de um acontecimento escatológico que aconteceu dentro da história. Mesmo que seja um evento *supra histórico* afeta definitivamente a história (*Idem*, 1999, p. 35). O que aconteceu com Jesus gerou esperança em seus discípulos, que não correspondia somente à realização de expectativas humanas; o definitivo, o escatológico se manifestou na história. Precisamente esse descompasso se converteu no discurso que as testemunhas do Ressuscitado elaboraram sobre a ressurreição.

Há de se mencionar que para a elaboração desse discurso, os discípulos recorreram à categoria mais próxima que possuíam: a *ressurreição dos mortos* presente em textos do Antigo Testamento (cf. Is 26,19; Dn 12,2). Entretanto, a *ressurreição dos mortos* veterotestamentária expressa o que ocorreu com Jesus de Nazaré? Por outro lado, os discípulos também dispunham da categoria *exaltação* para expressar o que aconteceu com Jesus (cf. Is 52,13s). Ambas as categorias, apresentam vantagens, mas também limitações uma vez que o acontecido com Jesus não aponta somente a uma realidade-limite histórica; trata-se de uma realidade-limite escatológica.

Ressurreição dos mortos se torna uma categoria possível na medida em que permite estabelecer a relação entre o Crucificado e o Ressuscitado: ele é o mesmo. Mas se a categoria for usada somente na perspectiva de um adormecido pela morte que desperta, ela se torna insuficiente. *Exaltação*, por outro lado, tem a vantagem de exprimir o fato de que Deus, ao ressuscitar Jesus, transforma toda a realidade – o inocente condenado à morte vive (*Ibidem*, p. 41-43). Importante é notar que nenhuma categoria expressará exatamente o acontecido com Jesus de Nazaré; é possível se aproximar do acontecimento, mas expressá-lo exatamente, se mostra uma tarefa impossível.

Por essa razão, há de procurar uma via complementar à linguagem: essa é a via da prática. Todavia, não se pode falar de uma prática qualquer que permita o acesso ao acontecido com Jesus. A prática que tem se mostrado mais precisa para a aproximação da ressurreição de Jesus é a práxis da esperança.

A história se apresenta para o ser humano como promessa e Deus com o “*Deus do futuro*”; o futuro é um modo de ser de Deus e a esperança na realização da promessa é uma dimensão transcendental do ser humano, como foi apresentado por E. Bloch, filósofo da



esperança. A ressurreição de Jesus se entende dentro desse horizonte como antecipação de futuro, como final totalizante e positivo da história, segundo a Teologia de W. Pannenberg.

Entretanto, a práxis da esperança refletida por W. Pannenberg não leva em conta a negatividade da história, falta concretizar a esperança dentro de uma história marcada pelo pecado e pela morte sofrida injustamente. Esse é o passo dado por J. Moltmann: o Deus crucificado é o Deus que gera esperança nas vítimas da injustiça da história (*Ibidem*, p. 53-60). A ressurreição de Jesus não é esperança para o ser humano, é esperança para as vítimas. Essa parcialidade, isto é a esperança das vítimas, é condição de possibilidade para a universalidade de sentido da ressurreição de Jesus.

A Teologia latino-americana da Libertação releu os textos sobre a ressurreição de Jesus do Novo Testamento. Não é possível, assim como o fez J. Moltmann, falar de uma esperança genérica; a Sagrada Escritura fala de uma esperança específica: a esperança na vida. A morte não pode ter a última palavra, especialmente a morte sofrida injustamente. Essa esperança foi vivida por Israel mediante a fidelidade histórica ao Deus da vida; tanto a literatura profética, como a literatura sapiencial testemunham essa esperança realizada no triunfo de Deus sobre a injustiça e na possibilidade de comunhão com ele depois da morte.

Há vítimas na história, há mortos injustiçados; é preciso, portanto, que a práxis daqueles que creem no Deus da vida, refaça a esperança perdida dos vitimados pela história e não se trata somente de uma tarefa para o futuro, é uma exigência presente. O mandato missionário do Ressuscitado, daquele que revela a esperança plena no Deus da vida, no Deus que não abandona as vítimas à sua sorte, mas devolve a eles a vida, é uma exigência ética, mas também uma exigência noética para seus discípulos; só é possível conhecer o Deus da vida mediante uma práxis de esperança (*Ibidem*, p. 72-96).

A práxis de esperança, por sua vez, é aquela que permite aos povos crucificados, seguindo a formulação de I. Ellacuría, não só saber de Deus, mas também celebrar a vida de Deus na qual se espera. A celebração da vida é momento constitutivo para a aproximação da ressurreição de Jesus, porque concretiza a esperança dentro da negatividade da história; Jesus, o justo crucificado e morto, foi ressuscitado pelo Deus da vida, pelo Deus que conduz a história à sua totalidade e positividade; a ressurreição de Jesus de Nazaré é, finalmente, compreendida como utopia (*Ibidem*, p. 69-71).

Problema histórico



A ressurreição de Jesus de Nazaré, como já foi mencionado, é um acontecimento escatológico que acontece dentro da história. Ainda mais um evento *supra histórico* que, em seu significado e alcance, modificou toda a história. Porém, é racionalmente legítima a pergunta: o que, de fato, aconteceu?

Sem entrar no extenso debate exegético sobre o acontecido com Jesus, J. Sobrino analisa os relatos canônicos do Novo Testamento e mostra o fato de que o encontro com o Ressuscitado é o denominador comum desses relatos. O que posteriormente ficou conhecido como *experiência pascal* se deu mediante o encontro dos discípulos com Jesus ressuscitado. Ainda que exista diferença entre os relatos é possível identificar uma estrutura básica e comum a todos eles: Jesus aparece, se dá a conhecer, os discípulos superam a incredulidade e o mandato missionário (*Ibidem*, p. 109-110).

Trata-se de uma experiência de graça, é dado aos discípulos ver o Ressuscitado (cf. 1Cor 15), ele *se deixou ver* (*ophze*). O mais importante é o que possibilita o acesso a essas aparições: os encontros dos discípulos com ele geram fé e o acesso aos relatos desses encontros acontece graças a essa mesma fé. O próprio Deus capacita os discípulos para que vejam Jesus ressuscitado.

Mas qual seria a relação entre a fé dos discípulos e a história? O Novo Testamento se refere a uma fé histórica? Sim, porque é a conclusão verossímil que emerge dos relatos. A pergunta que segue é: essa fé histórica dos discípulos, portanto uma fé subjetiva, está relacionada com uma realidade objetiva? Pode-se partir de diversas conjunturas psicológicas e postular que essa fé subjetiva estaria relacionada, também, a fatos subjetivos como visões ou até uma alucinação coletiva. Entretanto, a fé dos discípulos produziu a mudança da vida e da relação dos próprios discípulos com a realidade objetiva: os encontros com o Ressuscitado foi experiência da ação escatológica de Deus, que fez os discípulos contemplarem a história na perspectiva de um futuro definitivo.

Além do mais, é muito factível supor a honradez dos discípulos que ao se encontrarem com a revelação do escatológico na história anunciaram a conversão a uma fé que humaniza, porque dá sentido. A fé cristã aparece, portanto, como fé razoável, não como fruto da imagem coletiva de um pequeno grupo (*Ibidem*, p. 124-127).

Por outro lado, a visão do Ressuscitado já é salvífica em dupla dimensão: porque aponta para o fim dos tempos, para a salvação escatológica que Deus promete a toda a



humanidade (*Ibidem*, p. 116-118) e porque exige já caminhar em sua presença, especialmente quando os discípulos se deram conta do atraso da *parusia*. É, portanto, um referente futuro de salvação, mas, também, um referente presente.

Entretanto, há uma dialética que deve ser preservada: a continuidade e a novidade pré e pós-Pascal. A Páscoa deve ser remetida diretamente à vida de Jesus de Nazaré – o Ressuscitado é o Crucificado; sua vida terrena não foi uma realidade provisória e que pode ser deixada de lado a qualquer instante depois de sua ressurreição. O Crucificado é o Ressuscitado, aquele que foi exaltado e nisso consiste a novidade pós-Pascal. A ressurreição não se tratou de um *evento maravilhoso* acontecido com Jesus de Nazaré, foi a confirmação definitiva de sua vida histórica e a transformação dessa em norma de fé para seus discípulos: o seguimento de Jesus, que não é mera imitação, mas possibilidade de reviver mediante a fé, historicamente, sua vida (*Ibidem*, p. 122-123).

Deste modo, está claro que a ressurreição de Jesus de Nazaré aconteceu na história, ainda que seja um *evento supra histórico* e que o acesso a esse evento seja mediante a fé. Mas ainda há perguntas a serem respondidas: como a Páscoa de Jesus se estende ao longo da história? Há eventos históricos análogos à ressurreição?

O fato de que as aparições do Ressuscitado tenham se dado sobretudo no contexto de refeições fez com que a Igreja reinterpretasse a Páscoa dentro de uma refeição ritualizada: a Eucaristia (*Ibidem*, p. 118-120). A Páscoa de Jesus de Nazaré se faz presente ao longo da história mediante a celebração eucarística da Igreja (cf. 1Cor 16,2; At 20,7). A mesa partilhada mostra da proximidade do Reino anunciada por Jesus; depois da Páscoa o Reino se torna ainda mais próximo, porque o definitivo apareceu na história. Por outro lado, a Eucaristia preserva a tensão dialética já apresentada: os que comeram e beberam com Jesus em sua vida terrena são os mesmos que comem e bebem com ele depois de sua ressurreição (cf. At 10,41).

Também é possível falar de eventos análogos à ressurreição de Jesus, isto é eventos que desvelam o escatológico na história: a certeza da presença de Deus junto aos que sofrem, o que permite que a esperança dos povos crucificados seja refeita, e a existência de homens e mulheres que vivem no meio da história como ressuscitados, especialmente pelo triunfo da liberdade sobre o egocentrismo e a alegria sobre a tristeza (*Ibidem*, p. 129-151). Ainda que a fé da Igreja depende estritamente da fé daqueles que foram testemunhas do Ressuscitado,



como afirmará K. Rahner, o Espírito Santo suscita experiências internas de vida e vitória que permitem a aproximação da experiência irrepetível daqueles aos quais Jesus ressuscitado *se deixou ver* (*ophze*).

Problema teológico

Depois de verificar que não se pode aproximar da ressurreição de Jesus como se aproxima de um evento histórico qualquer, afinal de contas se trata de um evento *supra histórico* que acontece dentro da história e descortina o definitivo. Ao mesmo tempo, para sua compreensão é preciso uma prática de esperança, sobretudo refazendo a esperança das vítimas da negatividade da história. Também, se verificou que o acesso a esse evento *supra histórico* se realiza mediante uma fé histórica: a fé daqueles a quem Jesus ressuscitado *se deixou ver*, daqueles comeram e beberam com o Ressuscitado (cf. At 10,41); essa fé se renova todas as vezes que a Igreja realiza o mandato de partir o pão em nome do Ressuscitado, mas também em experiências humanas análogas que, mesmo mantendo uma grande distância das aparições pós-pascuais, permitem afirmar que o futuro escatológico se fez – e se faz! – presente hoje.

Contudo, ainda há uma questão muito importante a ser resolvida: a ressurreição de Jesus de Nazaré revela algo de Deus? É só um evento em continuidade com os demais eventos revelatórios de Deus? Para responder a esse problema, é preciso voltar ao evento anterior à ressurreição: a cruz de Jesus.

Chama a atenção o fato de que na cruz, mais que uma ação de Deus a humanidade se depara com uma *in-ação* de Deus; o Deus de Jesus Cristo, a quem ele familiar e ternamente chama de *abbá*, se cala diante do sofrimento de seu Filho. O sofrimento, claramente, afeta o Filho crucificado – a cruz é uma consequência da Encarnação, a mais radical de todas; mas o sofrimento também afeta o Pai? Até mais, o sofrimento pode afetar o Pai a tal ponto de ele permanecer em silêncio diante da morte violenta de Jesus?

O primeiro que se deve afirmar diante disso é que o Deus de Jesus Cristo não é o deus da filosofia grega, portanto se ele está quieto diante do sofrimento de seu Filho não é por sua *apatheia*. Justamente pelo contrário: Deus estava presente na cruz de Jesus. Entretanto, chegar a uma formulação exata sobre o sofrimento de Deus na cruz é uma tarefa que tem se mostrado muito difícil para a Teologia. Somente se pode dizer que o silêncio, negativamente, revela que Deus ali estava. Por outro lado, há de se esperar que o Pai também assume o sofrimento de



seu Filho e, com isso, o sofrimento de toda a humanidade. Deus não é alheio à dor humana, ele a assume em si e se silencia; ele se revela como o Deus solidário com as vítimas deste mundo: além de ser *Deus conosco*, na cruz ele aparece *Deus como nós* (*Idem*, 1996, p. 348-357). Essa mesma realidade foi remarcada de forma simples, porém profunda por D. Bonhoeffer: “*Só um Deus que sofre pode nos salvar*”.

A cruz, portanto, não pode ficar de fora na reflexão sobre a revelação de Deus na ressurreição, ao contrário cruz e ressurreição, juntas, exigirão uma reformulação da transcendência divina: *Deus minor est Deus maior*. O Deus que se mostrou *in-ativo* na cruz, se mostra totalmente *ativo* na ressurreição; não se trata somente de uma ação de Deus de cima para baixo (*Deus ex machina*), mas uma ação bondosa de Deus desde baixo: ele exalta uma vítima injustamente condenada à morte, seu Filho.

Cruz e ressurreição estão em relação dialética, porém não contraposta. O mesmo Deus que se mostrou solidário com a vítima crucificada e morta, agora a chama novamente à vida, mas não como um cadáver redivivo, a vítima vive, agora, segundo a vida do próprio Deus. O poder ressuscitador de Deus não é alheio à condição da vítima, à condição de Jesus *o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação* (Rm 4,25). Nessa afinidade com a vítima (*Deus minor*), ele se revela sua afinidade com o mundo, mas sendo mistério de amor capaz de recriar e salvar a história mantém sua total alteridade com o mundo (*Deus maior*).

Na ressurreição de Jesus, portanto, Deus se revela como único capaz de gerar esperança naqueles que, como seu Filho, são vítimas injustiçadas e sofrem a violência da história. Trata-se da antecipação do final da história quando *Deus seja tudo em todos* (1Cor 15,28). Há de se remarcar, contudo, que essa boa notícia é convite para que os povos crucificados caminhem cheios de esperança e humildade na presença de Deus ao longo da história.

Finalmente, é possível afirmar que mediante o querigma, isto é o relato da ação histórica de Deus na ressurreição de Jesus de Nazaré, se pode chegar à linguagem direta sobre quem Deus é (doxologia). Seguindo o pensamento de W. Pannenberg, a revelação de Deus na ressurreição não modificou somente o *fides quae*, isto é o conteúdo da fé, mas modificou definitivamente o *fides qua*, isto é a atitude do fiel diante de Deus. Graças à ressurreição, é



possível falar de uma entrega do *eu finito* ao *Absoluto*, na linha hegeliana, ou na linha cultural, a adoração de Deus (*Idem*, 1999, p. 153-182).

Entretanto, além de a revelação definitiva de Deus, a ressurreição também inaugura o começo da Cristologia, pois o que aconteceu com Jesus de Nazaré fez com que ele mesmo também se tornasse objeto da fé. Na Páscoa, os discípulos são chamados a crer não somente no anúncio de Jesus, mas nele mesmo (*fides quae*), e a se entregar a ele (*fides qua*).

Na ressurreição, Jesus de Nazaré é constituído Senhor (cf. At 2,36) e, portanto, aparece como Absoluto para seus discípulos. Sua exaltação não é um prêmio arbitrário recebido de Deus, mas corresponde à sua própria realidade de Filho que já tinha se manifestado em sua vida pré-Pascal (*Ibidem*, p. 208-209).

A fé em Jesus ressuscitado (a *orto-práxis*)

A partir da ressurreição, a fé em Jesus se torna central para os discípulos; não creram somente no Deus de Jesus Cristo, creram também no próprio Jesus. Há um grande debate teológico-bíblico que procura estabelecer a relação entre a fé pré-pascal em Jesus e a fé pós-pascal (*Ibidem*, p. 184-199). Concentrar-se-á, porém, na fé dos discípulos depois da ressurreição e, portanto, na fé vivida na Igreja, hoje.

Jesus não foi último para si mesmo, inclusive não é possível afirmar que a ultimidade do anúncio de Jesus de Nazaré tenha sido Deus. Essa corresponde ao anúncio do Reino de Deus como reino da vida mínima. A estrutura desse anúncio não deve ser entendida simplesmente em uma relação dialética com o anti-Reino, mas em uma relação duélica, isto é, o Reino anunciado por Jesus está em conflito com o anti-Reino instalado no mundo. Logo, é possível falar de uma *guerra de deuses*: o Deus de Jesus Cristo está conflitando com os ídolos do anti-Reino. Quem são esses ídolos? Os ídolos da morte, os ídolos que exigem sacrifícios cultuais de vidas, especialmente da vida dos mais pobres e necessitados (*Idem*, 1996, p. 131-134).

O anúncio do Reino de Deus realizado por Jesus acontecerá mediante o desmascaramento dos ídolos da morte e, ao mesmo, a práxis pela vida dos pobres. Pode-se verificar essa práxis em defesa da vida nos milagres (cf. Mt 9,18-26 e par.), na expulsão dos demônios (cf. Mc 1,23-28) e na acolhida dos pecadores (cf. Mt 9,9-13 e par.; Jo 8,3-11). Ele mesmo inaugura uma práxis de vida para os pobres antes de sua Páscoa.



Contudo, ao ser ressuscitado por Deus, Jesus é constituído Senhor e posto acima de todo *principado e potestade* (cf. Ef 1,21). Jesus ressuscitado triunfa sobre os ídolos da morte e instaura o Reino de Deus na história, mesmo que a manifestação plena desse Reino só acontecerá no final. Logo, o Senhor não é somente o portador de boa notícia, ele mesmo é boa notícia para os pobres, para aqueles que sofrem as injustiças da história.

As testemunhas do ressuscitado podem adorá-lo e entregar suas vidas a ele; expressão dessa entrega de vida é fidelidade à sua pregação e ação contra os ídolos da morte, que não é eliminada depois de sua ressurreição, pelo contrário a prática é confirmada e consagrada como caminho para seu seguimento. Assim como Jesus esteve, os discípulos a quem *ele se deixou ver* são convidados a estar a serviço do Reino de Deus, o reino da vida mínima para o pobre.

Os discípulos, testemunhas do Ressuscitado, são chamados a confessar a fé nele mediante sua própria vida – o que Paulo e João também expressaram no Novo Testamento pela observância do amor ao próximo (cf. Fl 2,5; Jo 13,15). Eles até estão dispostos a entregar sua vida pelo Senhor se assim lhes for pedido (martírio). Essa é a razão primigênia da missão cristã: a entrega a Jesus Ressuscitado, constituído Senhor dos vivos e mortos (cf. 1Ts 4,13-18), transforma a vida dos discípulos e os capacita em uma nova práxis a serviço do Reino (*Idem*, 1999, p. 199-203).

Conclusão

Diante do exposto, especialmente o que foi sobre a *orto-práxis* daqueles que foram e são, pela ação do Espírito Santo, testemunhas do Senhor Ressuscitado, a denúncia de P. Chiziane ganha força: como se pode oprimir em nome do Senhor? Como se pode levar a cabo uma nova colonização em nome de Jesus? Como não respeitar a liberdade de um povo, como o *bantu*, ao anunciar a Boa-nova do Reino de Deus?

O que verdadeiramente é colocado em questão é a preservação da liberdade dos povos africanos. *Se para a liberdade, Cristo nos libertou* (Gl 5,1), práticas opressivas em seu nome não são admissíveis. A partir da Páscoa, todos aqueles que levam adiante a missão em nome do Ressuscitado devem fazer a diferença através de uma aposta na humanidade que contagia e constitui um povo livre (*Ibidem*, p. 203).



A missão cristã é profundamente humana e humanizadora porque coloca a existência pessoal e comunitária dentro de uma perspectiva de esperança; a injustiça não vai se impor na história. A ressurreição de Jesus aparece como possibilidade de redenção para o passado oprimido e triste da escravatura pela qual os povos africanos passaram.

Como muito bem remarca J. Moltmann, a ressurreição não pode ser desculpa para uma esperança ingênua; a história faz vítimas, assim como Jesus foi vítima em seu tempo, ele é o inocente injustamente condenado à morte. A fé na ressurreição é possibilidade para que o passado seja reconciliado com o presente e ambos postos dentro do horizonte do futuro escatológico que Deus descortinou na ressurreição de Jesus de Nazaré.

Canta, filho de África, este Canto de Esperança
Louva o Deus que tirou Israel da escravatura do Egito
Louva ainda mais alto o Deus que libertou a África
Do colonialismo e escravatura da Europa e América

Acredita: não existe humanidade diferente da tua
E a liberdade veio morar para sempre na tua alma
Perdoa sim a escravatura, o colonialismo, as mágoas
Mas não esquece nunca: quem esquece também adormece. (CHIZIANE, 2018, p. 165)

As palavras contidas nesse curto, mas muito significativo poema, expressam a mesma utopia possível depois da ressurreição de Jesus de Nazaré. Ainda há *abaixados* na história, ainda há vítimas da injustiça e da violência, mas também há certeza de salvação. A salvação não está somente fora da história, mas pelo fato de que a ressurreição, ainda sendo um evento *supra histórico*, tenha acontecido dentro da história mostra que se pode esperar pela salvação, pela redenção, porque o próprio Deus *se abaixa* para exaltar Jesus (SOBRINO, 1999, p. 209).

A missão das igrejas cristãs, portanto, deve comportar essa esperança de salvação e não procurar somente a conversão exterior de homens e mulheres. Assim como o Pai, pela força do Espírito, não deixou seu Filho abandonado no sepulcro, mas o ressuscitou para a vida, as igrejas cristãs devem *se abaixar* à realidade dos povos crucificados e anunciar salvação a partir de seu interior – não se trata de uma imposição exterior, mas de um despertar interior capaz de renovar toda a existência humana.

Referências

- CHIZIANE, P. O canto dos escravizados. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
CHIZIANE, P. Religião: da opressão à libertação. O caso Ngoma Yethu. In: Ética, religião e política – SOTER 2018. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 81-92.
SOBRINO, J. Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1996.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL
FILOSOFIA - TEOLOGIA & CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
XIV Simpósio Internacional Filosófico-Teológico (IFAJE)
VIII Simpósio Internacional Das Ciências Da Religião (PUC Minas)

DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSO E INTERCULTURAL,
NO CENTENÁRIO DE RAIMON PANIKKAR
3 a 5 de outubro de 2018

Paralelo:
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia | PUC Minas

SOBRINO, J. La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas. San Salvador: UCA Editores, 1999.